

# Notas sobre “O ovo e a galinha”

*Mateus Toledo Gonçalves*

## Resumo

As notas que compõem esse texto são tentativas de se aproximar da linguagem de “O ovo e a galinha” por meio da análise de alguns de seus traços formais. A opção por escrevê-lo na forma de notas responde ao que nos parece ser uma resistência do próprio conto a uma exposição articulada, que suporia um controle que justamente ele trata de proibir.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector – “O ovo e a galinha”.

*E ter apenas a própria vida é, para quem já viu o ovo, um sacrifício.*

Clarice Lispector, *Legião Estrangeira*.

## I.

O insólito de “O ovo e a galinha” começa pela radical rarefação do entrecho. De todos os contos da *Legião Estrangeira* é ele o que tem a menor intriga<sup>1</sup>. Entre ver o ovo e fritá-lo na frigideira o conto inteiro se desenrola. Não é, portanto, o enredo do conto que interessa, mas as meditações que acontecem em meio a ele. “Meditação visual”, como diz a própria autora sobre um de seus romances (NUNES, 1995, p. 92). E é por uma sucessão insistente de imagens que Clarice vai se aproximar do “ovo”<sup>2</sup>.

É justamente de aproximação (ou de tentativa de) que se trata. Se há algo que une a maioria das imagens do conto é a sugestão do ovo que escapa, do ovo distante:

*Olho o ovo com um só olhar. Imediatamente percebo que não se pode estar vendo um ovo. Ver o ovo nunca se mantém no presente: mal vejo um ovo e já se torna ter visto o ovo há três milênios. — No próprio instante de se ver o ovo ele é a lembrança de um ovo. — Só vê o ovo quem já o tiver visto. — Ao ver o ovo é tarde demais: ovo visto, ovo perdido. — Ver o ovo é a promessa de um dia chegar a ver o ovo.*

*Ver o ovo é impossível: o ovo é supervisível como há sons supersônicos. Ninguém é capaz de ver o ovo. O cão vê o ovo? Só as máquinas veem o ovo. O guindaste vê o ovo. — Quando*

---

I De ação propriamente no conto temos o primeiro período, em que a narradora vê o ovo. Cinco páginas adiante, quando a narradora revê o ovo: “De repente olho o ovo e só vejo nele a comida. Não o reconheço, e meu coração bate”. Depois, na próxima página: “só entendo o ovo quebrado: quebro-o na frigideira”; e “Pego mais um ovo na cozinha, quebro-lhe a casca e a forma”. E já próximo do final: “Os ovos estalam na frigideira, e mergulhada no sonho preparo o café da manhã. Sem nenhum senso da realidade, grito pelas crianças que brotam de várias camas, arrastam cadeiras e comem, e o trabalho do dia amanhecido começa, gritado e rido e comido, clara e gema, alegria entre brigas, dia que é o nosso sal e nós somos o sal do dia, viver é extremamente tolerável, viver ocupa e distrai, viver faz rir”. Se pouca coisa ou nada acontece nesses não mais que seis períodos de ação, é porque tudo acontece entre eles. *A contrapartida dessa rarefação do entrecho é que o tempo que decorre entre essas poucas ações é imensamente dilatado. Vale lembrar que para Clarice “escrever é prolongar o tempo, dividi-lo em partículas, dando a cada uma delas uma vida insubstituível”* (LISPECTOR, 1964, p. 226).

2 O termo “imagem”, como bem notou Massaud Moisés, é de “ampla instabilidade semântica”, equívoco e de difícil precisão (MOÍSES, 2004, p. 233-235). Em nosso ensaio, usaremos conscientemente o termo imagem num sentido vago, como um conceito mais geral que inclui em seu interior também os conceitos de metáfora e de motivo recorrente.

eu era antiga um ovo pousou no meu ombro. – O amor pelo ovo também não se sente. *O amor pelo ovo é supersensível* (LISPECTOR, 1964, p. 55). (Grifos meus)

O motivo recorrente de um “ovo” que parece estar sempre além de nosso alcance, essa procura infeliz que se reinicia a cada nova frase, aproxima o conto de Clarice ao fardo de Tântalo, condenado pelos deuses a ver eternamente água e alimentos fugirem de suas mãos<sup>3</sup>. E talvez se possa mesmo dizer que esse motivo é já admiravelmente antecipado pela sintaxe da primeira frase do conto: “De manhã na cozinha sobre a mesa vejo o ovo”.

Tudo é interposto entre nós e ele. Esse adiamento da aparição do ovo produz um sentimento que será a nossa própria chave de leitura<sup>4</sup>.

## II.

Em um ensaio clássico sobre *O estrangeiro*, Sartre faz uma afirmação sobre o estilo de Camus que ficou célebre: “Uma frase d’*O estrangeiro* é uma ilha” (SARTRE, 2005, p. 129). Poucos comentários seriam tão adequados para descrever a impressão que se tem ao ler “O ovo e a galinha”<sup>5</sup>. Não fosse o conto de Clarice posterior ao texto de Sartre, a comparação que ele faz entre o estilo de Camus e de Hemingway bem poderia passar por outra, entre *O estrangeiro* e o nosso conto: “O parentesco entre esses dois estilos é evidente. Em ambos os textos há as mesmas frases curtas, e cada uma se recusa a se aproveitar do impulso adquirido pelas precedentes, cada uma é um recomeço” (SARTRE, 2005, p. 126-127).

3 O vínculo da escrita de Clarice Lispector com o suplício de Tântalo – ideia central para essas notas – foi pela primeira vez formulado por Antônio Candido em resenha sobre *Perto do coração selvagem* (CANDIDO, 1977, p. 129).

4 Talvez falar em “chave de leitura” seja forte demais, pois supõe que se revelará um significado oculto, que se resolverá o enigma. Uma frase de Adorno sobre a atitude correta do intérprete diante do “Fim da partida” de Beckett talvez seja útil para esclarecer nossa abordagem: “Compreendê-la não pode significar outra coisa que compreender sua incompreensibilidade, concretamente reconstruir a coerência de sentido do que não tem sentido” (ADORNO, 1981, p. 283). Uma boa parte desse texto se ocupará com “essa reconstrução concreta do que não tem sentido”, de tentar entender os procedimentos usados para figurar o que não pode ser significado.

5 Se há alguma semelhança de “procedimento” entre esses dois textos, é importante ressaltar o papel e o efeito totalmente distintos que eles ocupam em suas respectivas obras. Em verdade, poderíamos mesmo dizer que a novela de Camus e o conto de Clarice apontam para direções opostas; pois, se Meursault é marcado por uma indiferença com relação à transcendência, o drama do “O ovo e a galinha” é justamente a busca de algo que nos ultrapasse.

Para Sartre esse procedimento produz uma espécie de emparelhamento de presentes, como se por conta da “descontinuidade das frases entrecortadas” à Hemingway se produzisse não uma progressão, mas uma “pluralidade de instantes incomunicáveis” (SARTRE, 2005, p. 129).

Lida sob essa perspectiva, a adesão da narradora de “O ovo e a galinha” ao presente responderia a uma imposição da própria busca: alcançar o ovo é torná-lo presente.

Daí que a sugestão de que o ovo nunca se “mantém no presente”, de que “no próprio instante de se ver ovo ele é a lembrança de um ovo”, apareça como indicativo do caráter esquivo do ovo. É que um dos muitos modos que o “ovo” tem de escapar da narradora é se afugentando em outro tempo, passado ou futuro<sup>6</sup>. Ironicamente, é essa mobilidade do ovo no tempo que prende a narradora ao presente.

Pois quem diria de Sísifo, que ele tem passado ou futuro? Assim como o tempo de Sísifo é o de sua caminhada até o topo da montanha, o de Clarice parece durar apenas uma frase. Ela está presa a ela. Cada nova frase é um recomeço, nova tentativa de alcançar o “ovo” que, indiferente, foge.

### III.

Frases de sintaxe simples, curtas, o discurso pouco encadeado são todos traços que também encontramos na fala infantil. Mas mais do que isso, Clarice parece mesmo, às vezes, falar como criança<sup>7</sup>: O cão vê o ovo? Só as máquinas veem o ovo. O guindaste vê o ovo. — Quando eu era antiga um ovo pousou no meu ombro (LISPECTOR, 1964).

O que parece estar insinuado no recurso à fala infantil é certa desconfiança de Clarice com a razão. É que falar como criança é falar de um lugar em que a razão discursiva ainda não se formou completamente. Essa desconfiança, por sua vez, está vinculada a um anseio profundo da escrita de Clarice, que é o da “procura da própria coisa”<sup>8</sup>. Pois é na medida justamente em que a razão se mostra incapaz de nos guiar nessa procura, que ela é recusada<sup>9</sup>.

---

6 O ovo pode tanto fugir para o passado, como em “mal vejo um ovo e já se torna ter visto o ovo há três milênios”, como para o futuro, como em “ver o ovo é a promessa de um dia chegar a ver o ovo”.

7 Benedito Nunes fala em “frases feitas, semelhantes às dos antigos livros escolares de leitura”. (NUNES, 1995).

8 “Se eu tivesse que dar um título à minha vida seria: à procura da própria coisa” (CLARICE, 1964, p. 221).

9 Como escreveu Pessanha: “Pois, para Clarice, a realidade em si mesma — não falseada ou moderada pelos artifícios relativizadores da ‘medida humana’, não traída por linguagem, por linguagem de sobrevivência — não é conquista final dos meandros da razão discursiva” (PESSANHA, 1989, p. 185).

Também vai numa direção semelhante o uso no conto dos paradoxos<sup>10</sup>. Fazer a linguagem desorientar-se pode ser um modo de apontar para algo que exceda a razão discursiva. Se o ovo tantas vezes é e não é, ele se encontra para além da fronteira determinada pelos princípios racionais. Como se Clarice estivesse indicando com isso que o ovo se encontra justamente ali onde a razão não nos pode servir de guia.

A lógica muitas vezes se acostumou a considerar imprestável o discurso contraditório. Ao dizer, ao mesmo tempo, algo e o seu oposto, não se diz nada, pois é constitutivo do discurso com sentido que ele seja “veículo de uma escolha”<sup>11</sup>. Dizer e se desdizer é o mesmo que não escolher e, nesse sentido, poderíamos sugerir, é o mesmo que silenciar.

É curioso pensar a aproximação entre esse discurso excessivo, que fala duas vezes, com o silêncio. Pois para Clarice o silêncio não é algo que deva ser evitado; ele é, ao contrário, uma aspiração. Em sua obra, o silêncio parece funcionar como um modo de evocar o que não cabe em palavras. Condenada à escrita, talvez ela tenha encontrado no paradoxo um modo oblíquo de silenciar.

#### IV.

A presença da parataxe no “Ovo e a galinha” foi notada por vários autores (CIXOUS, 1990). Nenhum deles a interpretou, contudo.

Daí o recurso ao Auerbach. Há em seu *Mimesis* uma análise clássica sobre a parataxe em Agostinho:

<sup>10</sup> O conto está povoado de frases que se apresentam, ao menos em seu aspecto superficial, como paradoxos. Alguns exemplos: “Basta olhar para a galinha para se tornar óbvio que o ovo é impossível de existir” x “A galinha ama o ovo. Ela não sabe que *ele existe*”. “Quando eu era antiga um ovo pousou no meu ombro” x “O ovo é uma coisa suspensa. *Nunca pousou*”. “De manhã na cozinha sobre a mesa vejo o ovo” x “*Ver o ovo é impossível*”. (Grifos meus)

<sup>11</sup> Sigo aqui o comentário de Luiz Henrique Lopes dos Santos ao capítulo 6 do tratado *Da interpretação* de Aristóteles no seu ensaio introdutório ao *Tractatus Logico-Philosophicus*: “Essa última é a que Aristóteles salienta no capítulo 6 do tratado. Dados dois nomes, sujeito e predicado possíveis de um enunciado predicativo afirmativo ou negativo (“A é B”, “A não é B”), abrem-se uma alternativa no plano das coisas e uma no plano da enunciação. As coisas nomeadas podem existir combinadas ou separadas, pode-se enunciar que existem combinadas ou que existem separadas. O enunciado afirmativo realiza a primeira possibilidade enunciativa em detrimento da segunda, o negativo realiza a segunda em detrimento da primeira. Se a possibilidade enunciativa realizada corresponde à possibilidade realizada no plano das coisas, o enunciado é verdadeiro; caso contrário, é falso. *O enunciado predicativo é caracterizado, portanto, como o veículo de uma escolha, veiculada pelo verbo, que consiste em privilegiar um entre dois polos de uma alternativa exclusiva*” (WITTGENSTEIN, 2001, p. 22). (Grifos meus)

[...] o impulsivo, o penetrante da sua essência [do estilo de Agostinho] exclui uma acomodação no processo comparativamente frio, sensato, que *ordena as coisas de cima para baixo*, próprio do estilo clássico, e, especialmente, do estilo romano; em toda a parte do nosso texto é possível observar a frequência com que ele coloca um membro da oração junto ao outro [...] (AUERBACH, 1976, p. 60). (Grifos meus)

Essa recusa em “ordenar as coisas de cima para baixo” pode ser entendida como uma renúncia em ordenar o mundo pela razão. A parataxe aparece em lugar “da hipotaxe causal, ou pelo menos, temporal” (AUERBACH, 1976, p. 60), ou seja, em lugar de uma ordenação do mundo que opere segundo as coordenadas da causalidade e da temporalidade.

Se em Agostinho o que está além da razão é o divino (mas que é, no entanto, mirado por esta), em Clarice é a própria realidade, “[ela] tem na mira a coisa, o inominável, o que não pode ser determinado pela palavra [...]” (WALDMAN, 1998, p. 102).

A parataxe em Clarice é um modo de abdicar – em parte – da razão discursiva, sem capitular à procura da “coisa” pela linguagem.

Mas “Deus”, para Agostinho, e a “coisa”, para Clarice, não estão além só da razão, como também da linguagem. De fato, a procura ainda é impossível. A parataxe é só um modo humilde de fazê-la.

## V.

Há em Clarice um modo particular de buscar, que indicia nele mesmo o seu próprio fracasso.

Se a parataxe o revela pela carência, por um não fazer, a repetição o faz pelo excesso.

Há no conto inúmeros casos de repetição. Mas, evidentemente, o caso da repetição do substantivo “ovo” é o mais destacado. São 148 aparições, só dois parágrafos<sup>12</sup> não têm a palavra “ovo”, a maior parte deles tem várias ocorrências.

Essa repetição extenuante parece indicar um significado inesgotável, que não encontra termo nunca. O recurso à repetição parece sugerir que a realidade buscada é infundável.

---

<sup>12</sup> Os dois parágrafos – não por acaso – se situam mais para o fim do conto. Eles “preparam” a lembrança final do ovo. A frase “Mas e o ovo?” é antecedida por um longo trecho sem que a palavra fosse usada.

## VI.

Clarice fala sempre de novo sobre o ovo, parece ser preciso falar (sempre) mais uma vez. O modo febril com que se procura o “ovo” denuncia a abstinência intensa.

## VII.

Mas como falar de abstinência, febre, nesse tom tão afirmativo das frases do conto?<sup>13</sup> Há nelas uma serenidade de quem soubesse a verdade. Muitas dessas frases parecem mesmo saídas de um sábio<sup>14</sup>. Houve quem visse nisso uma ironia com o discurso erudito<sup>15</sup> e é curioso pensar a presença desse fraseado num texto sobre a impossibilidade de saber sobre o ovo. Pois se nunca se está de posse do ovo, como pode a narradora saber tanto e com tanta segurança dele? Irônico ou não, o procedimento acrescenta uma nova tensão ao texto.

É importante notar, no entanto, que esse discurso afirmativo sobre ovo, que predomina na primeira metade do conto, está ausente na segunda metade. Poderíamos talvez dizer que se, no início, a questão de Clarice é basicamente epistemológica, sobre a possibilidade ou não de se entender, ver, saber sobre o ovo, na segunda metade, o ovo é uma questão de vida e de morte.

Num conto em que praticamente não há ação, o que ocorreu entre uma e outra parte?

Dentro de si a galinha não *reconhece o ovo*, mas fora de si também *não o reconhece*. Quando a galinha vê o ovo pensa que está lidando com uma coisa impossível. *É com o coração batendo, com o coração batendo tanto, ela não o reconhece*.

De repente olho o ovo na cozinha e vejo nele a comida. *Não o reconheço, e meu coração bate*. A metamorfose está se fazendo em mim: começo a não poder mais enxergar o ovo. Fora de cada ovo particular, fora de cada ovo que se come, o ovo não

<sup>13</sup> Devo a professora Yudith Rosenbaum – numa gentil correspondência virtual – o comentário sobre esse tom afirmativo das frases do conto e a possível ironia contra a filosofia embutida nele.

<sup>14</sup> “O ovo não tem um si-mesmo. Individualmente ele não existe”; “Ver o ovo nunca se mantém no presente”; “Ver o ovo é impossível”; “Ninguém é capaz de ver o ovo”; “O ovo é uma coisa suspensa”; “Assim, existo, logo sei” etc.

<sup>15</sup> “[...] ensaia-se [em “O ovo e a galinha”] uma paródia do discurso erudito, que, explorando todas as possibilidades da demonstração, dele se aproveita para explorá-lo no seu avesso” (GOTLIB, 1995, p. 352).

existe. Já não consigo mais crer num ovo. Estou cada vez mais sem força de acreditar, estou morrendo, adeus, olhei demais um ovo e ele me foi adormecendo (LISPECTOR, 1964, p. 60). (Grifos meus)

Como bem notou Fábio Lucas, esses dois parágrafos são capitais e marcam uma metamorfose da narradora (LUCAS, 1987, p. 58). A repetição sinaliza a fusão entre a narradora/galinha. Doravante, não se fala mais sobre o ovo como quem fala de algo externo, mas como quem o porta.

## VIII.

Tenho tratado o conto como se nele a palavra “ovo” estivesse no lugar disso que está além da linguagem, o que Clarice chama muitas vezes de “coisa”. A metáfora do ovo, como tudo nesse conto, aponta para várias direções.

Do ponto de vista do significante, o ovo é um palíndromo<sup>16</sup>. Aqui, me parece, a simetria da palavra evoca a perfeição. O ovo como objeto, por sua vez, também parece ter certos atributos que se harmonizam com a “procura pela coisa” de Clarice. Ovos são frágeis e instáveis. Manuseá-los pede uma delicadeza que evite que eles se quebrem ou escapem. Algo semelhante parece ser exigido pela “coisa”.

Mas há, evidentemente, outra razão para a metáfora do ovo: é o seu vínculo, explícito desde o título, com a galinha. O animal com medo, que experiencia qualquer aproximação como uma espécie de opressão terrível, é a ele que o ovo invoca.

A meu ver, há aqui um dos elementos mais desconcertantes da escrita de Clarice. É que ela parece atar uma investigação que é da ordem, digamos, da “metafísica”, com a condição dos que sofrem.

Seja quando foi para afirmar a possibilidade de seu conhecimento para os que a investigassem segundo um método adequado, como queria Descartes, seja negando essa possibilidade com base no aparato cognitivo de que dispõem os humanos, como queria Kant, a metafísica sempre foi tratada como algo que vale para todos.

---

<sup>16</sup> Cabe notar, no entanto, que na ortografia da época a palavra ovo era acentuada, o que diminui, um pouco, a simetria da palavra.



Em Clarice esse algo que parece ultrapassar a nossa experiência convoca apenas aos sacrificados: loucos, bandidos, mulheres<sup>17</sup>. É como se para ela a “coisa”, alcançável ou não, dissesse respeito apenas aos que sofrem. Seguindo o conselho de Vieira, a ficção de Clarice procura a “coisa” nas entranhas dos corpos dos sacrificados<sup>18</sup>.

## IX.

Há na filosofia moderna uma larga tradição que vai pensar a arte como sendo capaz de um acesso a um tipo de verdade que é inacessível à razão discursiva (PIPPIN, 2013, p. 271). Alguém como Schopenhauer, por exemplo, vai dizer no livro III de seu *O mundo como vontade e como representação*, que se a ciência é uma atividade que se ocupa com o fenômeno, com as suas leis e suas conexões, com tudo aquilo que obedece ao princípio de razão, a arte é precisamente o modo de encarar as coisas independentemente do princípio de razão e, nesse sentido, ela seria um veículo de um conhecimento essencial do mundo, das coisas em si mesmas (SCHOPENHAUER, 2005, p. 235-264). Tanto a desconfiança de Clarice com a razão discursiva quanto sua aspiração de encontrar a “própria coisa” nos sugeriria que ela deveria ser inserida nessa tradição. O caso é que, como já tentamos mostrar, Clarice parece duvidar a cada momento da possibilidade desse conhecimento, parece haver na sua escrita uma aposta na “inviolabilidade das coisas”.

Um dos modos de descrever o embaraço no qual a sua escrita está colocada é que ela parece procurar o contato com uma realidade pré-linguística por meio das palavras. Ela quer falar de algo que estaria lá, antes da linguagem, mas que não pode ser alcançado justamente por ser uma dimensão pré-linguística, que foge, tem que fugir, diante de qualquer tentativa de colocá-la em palavras. E o que é desnorteador é que diante dessa tarefa inviável Clarice não capitula.

---

17 Penso, por exemplo, em Laura de “Imitação da rosa”, em *Mineirinho*, em “Ana de amor” e em tantas outras personagens femininas. Assim como o *radium* irradia em *Mineirinho*, mas não nos sonsos essenciais, a loucura de Laura parece dar acesso a uma dimensão outra. No caso de Ana, assim como no da galinha-narradora, não parece ser casual que sejam mulheres – mulheres, vale dizer, em uma sociedade machista. A sinistra passagem da maçonaria do conto talvez encontre explicação nessa condição de sacrificados dos portadores do ovo.

18 “Não há lume de profecia mais certo no mundo que consultar as entranhas dos homens. E de que homens? De todos? Não. Dos sacrificados.” *Sermão da terceira domingo do Advento* de padre Antônio Vieira e pregado em 1669.

## X.

A escrita metafísica de Clarice é uma conjunção de uma atitude revolucionária, que parece crer que a verdade diz respeito apenas aos oprimidos, com uma associação absolutamente original de um antieleatismo, cujo lema seria "só o que é não-racional é real", com um estranho ceticismo, que embora duvide das possibilidades do conhecimento das próprias coisas, retira a paradoxal tarefa de empreender assim mesmo a sua busca, nega o ideal da ataraxia para caminhar na direção de uma escrita perturbada, da desordem.

## XI.

Por que Clarice escreve? Nessa pergunta banal está o problema central dessas notas. Se o ovo não pode ser dito em palavras, por que a escrita e não o silêncio?

Com algum risco, gostaria de arriscar uma resposta, diferente daquela que a própria Clarice tentou sugerir<sup>19</sup>.

A primeira indicação é que se parece claro que o ovo não pode ser dito em palavras, se ele está claramente além da razão e da linguagem, a posição de Clarice não parece ser inequívoca quanto a possibilidade de ele estar também para além da experiência. Ao contrário, há indicações de que Clarice crê na possibilidade de um contato com o ovo, com essa dimensão que estaria para além da linguagem e da razão. Uma delas é que, ao lado das figurações do ovo por meio de imagens da distância, como indiquei no início dessas notas, havia, ainda que em menor número, também imagens do ovo como próximo: "Quando eu era antiga *fui depositária do ovo* e caminhei de leve para não entornar o silêncio do ovo"; "*O ovo é a alma da galinha*". (Grifos meus)

Se o encontro com a "própria coisa" não está de saída proibido, restaria ainda entender qual o papel da sua escrita nessa procura. Pois se o ovo só pode se dar em meio ao silêncio, porque o recurso à fala?

---

<sup>19</sup> Clarice tentou responder diretamente a esse problema algumas vezes, embora, é importante que se diga, ela estivesse tratando da sua escrita em geral e não do nosso conto em particular, em que essa questão é muito mais dramática. Ela diz que suas "intuições se tornam mais claras ao esforço de transpô-las em palavras" (LISPECTOR, 1964, p. 145) e por isso a escrita lhe é necessária. Diz também que ela escreve pela "incapacidade de entender, sem ser através do processo de escrever" (LISPECTOR, 1964, p. 146). A resposta de Clarice não deixa de ser curiosa, pois o efeito de sua escrita, ao menos no caso do nosso conto, não é certamente da ordem da transparência, de tornar as coisas claras ou inteligíveis, ao contrário, ela vai na direção de tornar o mundo opaco, desconhecido, de nos lembrar da sua incognoscibilidade.

**XII.**

Um problema não muito diferente foi aquele que Freud se colocou no final do século XIX. “As histéricas sofrem de reminiscências”, escreve ele em 1893, e, no entanto, sua intuição era que o único modo de fazê-las esquecer era por meio da fala, do lembrar. A intuição de Clarice, gostaria de sugerir, é da mesma ordem. Para que o ovo seja esquecido, é preciso lembrar dele, para que o verdadeiro silêncio se dê, faz-se necessário um tipo específico de fala. É como se o silêncio que aspira Clarice não fosse apenas da ordem da ausência de sons ou de palavras, mas envolvesse que antes as coisas fossem devolvidas em sua opacidade, como se o silêncio só pudesse se dar propriamente num mundo que impusesse resistência à linguagem e à razão, num mundo estranhado.

“O ovo e a galinha”, lido sob essa chave, seria um percurso que envolveria um tornar opaco o mundo por meio de um tipo específico de fala, que tentamos descrever nessas notas, para que, então, pudesse se produzir o verdadeiro silêncio.

**XIII.**

“Gradualmente, gradualmente, até que de repente a descoberta muito tímida: quem sabe, também eu poderia não escrever. Como é infinitamente mais ambicioso. É quase inalcançável” (LISPECTOR, 1964, p. 151).

## Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor. *Noten zur Literatur*. Frankfurt: Suhrkamp 1981.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BORELLI, Olga. *Clarice Lispector*. Esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- CANDIDO, Antônio. No raiar de Clarice Lispector. In: *Vários escritos*. 2ª ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977, p. 123-131.
- CIXOUS, Helene. *Reading with Clarice Lispector*. Tradução de Verena Andermatt Conley. Mineapolis: University of Minnesota Press, 1990.
- GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.
- LISPECTOR, Clarice. *Legião Estrangeira*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

- LUCAS, Fábio. *Clarice Lispector e o impasse da narrativa contemporânea*. Florianópolis: Travessia, 1987.
- MOÍSES, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.
- NUNES, Benedito. *O drama da linguagem. Uma leitura de Clarice Lispector*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- PESSANHA, José Américo. Clarice Lispector: o itinerário da paixão. In: *Remate de Males*. Campinas, 1989, p. 181-198.
- PIPPIN, Robert. Vernacular metaphysics. *Critical Inquiry*, vol. 39, nº 2, inverno 2013, p. 247-275.
- PORTIERI, Regina. *Clarice Lispector: Uma poética do olhar*. Cotia; Atêlie Editorial, 1999.
- PRADO Jr., Plínio W. O impronunciável. Notas sobre um fracasso sublime. In: *Remate de Males*. Campinas, 1989, p. 21-29.
- SARTRE, Jean Paul. *Situações I*. Tradução de Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naif, 2005.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp: 2005.
- VIEIRA, pe. Antônio. *Sermões*. Erechim: Edelbra, 1998.
- WALDMAN, Berta. O estrangeiro em Clarice Lispector. *Revista de Crítica Literária Latinoamericana*, ano XXIV, nº 47. Lima: Berkeley, 1998, p. 95-104.
- WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução, apresentação e ensaio introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 1993, p. 22.



Mateus Toledo Gonçalves – Graduado em Filosofia pela Universidade de São Paulo em 2015.  
mateus\_tg@hotmail.com